

O EFEITO DO ETHOS DISCURSIVO NA ADEÇÃO DO PÚBLICO AO *SERMÃO PELO BOM SUCESSO DAS ARMAS DE PORTUGAL DE* VIEIRA

Heryzânya Alves Ramalho (UFRN)¹
João Maria Paiva Palhano (UFRN, IFRN)²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a construção do ethos discursivo no *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contras as de Holanda* (de 1640), do padre Antônio Vieira, com o intuito de observar de que forma o ethos pode ter influenciado na recepção do sermão por parte do público daquela época. Sendo assim, a pesquisa possui caráter qualitativo interpretativista, uma vez que consiste na observação, a níveis léxico-semântico e discursivo, das escolhas estilísticas recorrentes utilizadas no enunciado. Dessa maneira, o trabalho encontra-se ancorado nas discussões de Maingueneau (2006) e Bakhtin (2003) sobre ethos discursivo e estilo, respectivamente, pois se entende que o estilo individual é um dos fatores fundamentais para a construção do ethos no discurso. Por fim, pôde-se observar o uso de recursos estilísticos, como a pessoalização, a metalinguagem, a interdiscursividade e a imitação por captação, os quais, por sua vez, auxiliaram na criação de vários ethé no discurso, como o ethos do povo santo, o ethos do pregador intercessor e humilde, o ethos do servo injustiçado por “Deus”, dentre outros. Sendo assim, dada a situação de invasão em que os portugueses se encontravam, pode-se sugerir que os ethé construídos no enunciado foram auxiliares na adesão do público ao sermão.

Palavras-chave: Ethos discursivo. Estilo. Sermão. Adesão.

¹ Graduada em Letras - Língua Inglesa e, atualmente, mestranda em Estudos da Linguagem pela UFRN.

² Professor do Departamento de Letras da UFRN, campus central, e do IFRN (Campus Natal-Central). Doutor em Linguística Aplicada pela UFRN e orientador deste trabalho.

1. Introdução

O contexto histórico geral do Brasil de 1600 é marcado pelo declínio da produção de cana-de-açúcar e transferência da economia para Minas Gerais, onde ocorre a extração de minérios. Ainda, Portugal e Espanha lutam para manter seu monopólio no referente ao comércio de especiarias e ao tráfico de escravos, além de tentarem expulsar constantemente os invasores de suas colônias, como França e Holanda, por exemplo (ALVES, 2014). É nesse cenário político-econômico que vive uma personalidade considerada expoente para a literatura luso-brasileira: o padre Antônio Vieira.

Segundo Vainfas (2011), Vieira, filho de Cristóvão Vieira Ravasco e Maria de Azevedo, nasceu em 6 de fevereiro de 1608 em Lisboa, capital de Portugal. Apesar de sua origem humilde, o jesuíta chegou a se tornar “membro da real academia de História Portuguesa, criada pelo rei em 1720” (VAINFAS, 2011, p.17), em reconhecimento aos seus sermões, que foram altamente aclamados na época e o são até hoje.

Uma característica importante da sermonística seiscentista, segundo Gonçalves (2008), é a forte dependência entre Estado e Igreja. Nos sermões de Vieira, esse aspecto está presente na maioria dos textos. A fim de estabelecer essa relação, o padre costumava utilizar recursos imagéticos como as alegorias bíblicas, por exemplo, e, ao mesmo tempo, comparava essas figuras ao contexto político-social em que se encontrava, promovendo, assim, a ideia de que a história bíblica também funcionava como uma profecia para aqueles tempos.

Sendo assim, pregações como essas provaram ser bastante efetivas e, por isso, foram amplamente utilizadas naquela época. Entretanto, ainda de acordo com Gonçalves (2008), um dos atributos diferenciadores na sermonística de Vieira está na sua crítica aos sermões essencialmente decorativos dos seus colegas de profissão, uma

vez que estes priorizavam os jogos metafóricos e o requinte lexical em detrimento da transmissão da mensagem cristã.

Tendo isso em vista, nota-se, em Vieira, uma busca pela didaticidade e pela objetividade, ainda que sejam utilizados os mais variados recursos estilísticos em seus sermões. A necessidade de equilíbrio entre a simplicidade e o primor estético por parte do pregador português pode ser justificada pelo fato de que os jesuítas precisavam ser didáticos para obterem êxito na sua interação com os catecúmenos.

A partir disso, vê-se que a fama e a autoridade de Vieira não eram à toa: era “do interior da arte retórica, como do interior da ciência teológica,” que ele construía seus sermões (PÉCORA, 2001, p.17). Isso quer dizer que, além de muito bem arquitetadas na retórica greco-latina, pregações como a de Vieira tinham, como objetivo principal, a persuasão dos ouvintes à razão católica (GONÇALVES, 2008). Foi dessa maneira, utilizando-se do poder da argumentação, que Antônio Vieira conquistou o seu público e, principalmente, o rei.

Considerando esse aspecto retórico, o objetivo deste artigo consiste em investigar a construção do ethos discursivo em um dos sermões de Vieira, *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as de Holanda* (1640), de modo a compreender de que forma o ethos funcionava como um agente impulsionador do público ao sermão. Com esse intuito, o artigo ancora-se nas perspectivas de Maingueneau (2006) e Bakhtin (2003) sobre *ethos discursivo* e *estilo*, respectivamente.

Em relação à estrutura do artigo, este se encontra dividido na seguinte ordem: ancoragem teórico-metodológica, análise do sermão e, por fim, considerações finais.

2. Ancoragem teórico-metodológica

Este artigo trata de uma pesquisa qualitativa interpretativista, uma vez que será realizada uma análise léxico-semântica e discursiva do sermão de Vieira a fim de

investigar como o ethos é construído no enunciado para, então, presumir a recepção desse estereótipo por parte do público no Brasil do século XVII.

Para esse fim, a pesquisa se ancora na visão bakhtiniana de estilo e na concepção maingueneuniana sobre o ethos discursivo.

A fim de compreender o estilo na visão bakhtiniana, cabe, primeiramente, apresentar algumas concepções-chave para essa perspectiva, iniciando, portanto, com o conceito de língua. Para Bakhtin (2003), a língua é efetivada na forma de enunciados concretos, os quais surgem a partir das atividades humanas em suas mais variadas esferas. Esses enunciados são únicos uma vez que as circunstâncias em que foram produzidos nunca poderão ser igualmente recriadas. Devido a essas características, o autor considera o enunciado como a “real unidade da comunicação discursiva” (2003, p.274). Bakhtin (2003, p.271) também apresenta outra característica chave do enunciado: de acordo com ele, “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]”, ou seja, é preche de resposta, mesmo que esta não se dê por meios verbais.

Ainda, segundo o autor, os elementos constituintes do enunciado são: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo. Em termos gerais, o primeiro elemento está relacionado à(s) temática(s) de que trata o enunciado; o segundo corresponde à estrutura interna do enunciado, e o terceiro, que é o foco deste artigo, é concebido como a “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua” (BAKHTIN, 2003, p.261). Isso significa dizer que qualquer escolha em relação ao enunciado possui caráter estilístico. Logo, pode-se afirmar que o estilo é uma característica inerente a qualquer enunciado, independentemente do grau de padronização deste, como numa ordem militar, por exemplo. Ainda, de acordo com Bakhtin (2003), o estilo pode ser situado em dois âmbitos: o funcional e o individual.

Primeiramente, o estilo funcional está relacionado às características presentes no enunciado que dizem respeito ao gênero ao qual ele pertence. Dessa forma, o estilo constitui-se em um dos elementos integrantes dos gêneros do discurso. Isso quer dizer

que cada gênero possui um estilo funcional específico que o caracteriza. Nessa perspectiva, os gêneros são concebidos como “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (BAKHTIN, 2003, p.262), ou seja, são relativamente estáveis, pois dependem das atividades humanas que os engendram e, conseqüentemente, das mudanças que possam ocorrer nelas. Portanto, cada vez que o gênero é transformado ou redefinido, seu estilo funcional, conseqüentemente, sofre alterações em sua configuração.

O estilo individual, por sua vez, está ligado à individualidade do falante. Contudo, ele não se distancia do gênero, pois, segundo Bakhtin (2003, p.268), “tanto os estilos individuais quanto os da língua satisfazem aos gêneros do discurso”. Isto é, embora esteja relacionado às características do indivíduo produtor do enunciado, o estilo individual precisa estar em consonância com o gênero textual para que o propósito geral do enunciado possa ser recuperado.

Tendo isso em vista, pode-se afirmar, ainda, que o estilo, tanto funcional como individual, é construído a partir dos padrões linguísticos recorrentes em um dado enunciado. Dessa maneira, conclui-se que a recorrência é um elemento fundamental para a criação e apropriação do estilo.

Em relação ao ethos, em outras palavras, o ethos é concebido como um fenômeno no qual são atribuídas uma série de características estereotipadas (inventadas ou não) ao enunciador a partir do seu discurso.

Diferentemente do ethos da retórica greco-latina, que surge da necessidade de convencer por argumentos, sendo principalmente usado no meio político, o ethos discursivo está presente em qualquer enunciado, intencionalmente ou não. Logo, a ideia ou imagem estereotipada que é construída do enunciador pode influenciar positiva ou negativamente na compreensão do enunciado e, conseqüentemente, na sua adesão por parte do interlocutor.

De acordo com o autor, a imagem/ideia produzida pelo ethos apresenta tanto uma dimensão psíquica quanto uma corporalidade. A dimensão psíquica (ou caráter) está relacionada aos aspectos psicológicos, enquanto que a corporalidade diz respeito

aos traços físicos que essa imagem aparenta ter. Ainda, é importante lembrar que essa imagem/ideia gerada pelo interlocutor é repleta de “pré-conceitos” sociais no sentido de que ela é formada a partir de estereótipos consolidados numa dada cultura de determinada época. Assim, o crédito que é dado a essa imagem/ideia está diretamente relacionado ao grau de valoração dessas representações sociais.

Maingueneau (2006, p.57) ainda aponta que “o ethos está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do ethos do enunciador *antes* mesmo que ele fale”. Portanto, o ethos pode ser distinguido entre ethos discursivo e ethos pré-discursivo.

Como o próprio nome já diz, o ethos discursivo ocorre apenas no momento em que acontece o discurso, correspondendo, assim, aos aspectos evidenciados naquela determinada cena. Por outro lado, o ethos pré-discursivo é construído anteriormente a essa cena, no caso do ouvinte/leitor já ter uma ideia prévia do ethos do enunciador. Tendo em vista essas distinções, vale apontar que o ethos pré-discursivo pode ser confirmado ou não no momento da enunciação, uma vez que o enunciado pode suscitar uma nova imagem/ideia que altere o prejulgamento do ouvinte/leitor.

Também é possível distinguir o ethos entre ethos dito e ethos mostrado. O ethos dito é aquele “em que o enunciador evoca a sua própria enunciação” (MAINGUENEAU, 2006, p.68), isto é, quando ele faz uma auto-afirmação, dizendo ser digno de confiança, por exemplo. Ao contrário do ethos dito, o ethos mostrado não é diretamente apontado no enunciado, mas é sugerido por meio das marcas enunciativas.

Outra questão, levantada pelo autor, está relacionada à interpretação do ethos. Por vezes, o ethos pretendido pelo produtor do enunciado distancia-se, podendo até mesmo se opor, ao ethos interpretado na cena de enunciação. Um exemplo disso seria a atuação de um político que pretende ser visto como um candidato sério e conservador, mas que acaba se transformando numa figura cômica para os eleitores. Desse modo, pode-se concluir que “o ethos visado não é necessariamente o ethos produzido” (MAINGUENEAU, 2006, p.58).

Tendo essas concepções em vista, a aproximação entre ethos e estilo individual acontece pelo fato de que o ethos é, também, construído a partir das escolhas estilísticas individuais feitas pelo produtor do enunciado. Essas escolhas, ao serem negociadas pelos enunciadores, acabam por formar um “corpo enunciante” (MAINGUENEAU, 2006, p.61) que só existe no discurso. A esse corpo são atribuídos aspectos que podem causar uma boa ou má impressão por parte do ouvinte/leitor. Logo, o enunciado depende do valor dessa impressão para obter a aceitação de seu público-alvo.

No referente ao *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as de Holanda*, pretende-se encontrar, a partir de determinadas escolhas estilísticas, o ethos ou os ethé construídos no enunciado a fim de conjecturar sobre a maneira com que o público daquela época recebeu o sermão.

3. Análise do sermão

Nesta seção, serão analisados quatro traços estilísticos recorrentes do *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as de Holanda*, do padre Antônio Vieira: pessoalização da linguagem, interdiscursividade, metalinguagem e imitação estilística, respectivamente.

3.1 Pessoalização da linguagem

Um dos padrões estilísticos mais recorrentes no sermão é a pessoalização da linguagem, isto é, o uso da primeira pessoa, tanto no singular quanto no plural. No início do enunciado, é possível detectar a preferência estilística pela primeira pessoa do plural, como pode ser evidenciado a seguir: “Vamos lendo todo o Salmo, e em todas as cláusulas dele veremos retratadas as da nossa fortuna; o que fomos, e o que somos” (VIEIRA, 2000, p.443).

A partir dessa escolha, pode-se assumir que o enunciador se inclui em um grupo que, nesse caso, seria o povo português, numa tentativa de chamar a atenção da plateia, uma vez que é construída a ideia de que ela também participa do enunciado. Esse tipo de estratégia também evoca a ideia de união, de igualdade face à situação em que o grupo se encontra.

Dada a cena enunciativa da missa em que esse sermão foi pregado, pode-se assumir que essa ideia colabora para a construção do ethos de uma pessoa que se põe em pé de igualdade com os seus fiéis. Essa técnica típica das pregações auxilia na adesão do público ao discurso.

Segue, assim, a pregação de Vieira, priorizando a primeira pessoa do plural e intercalando, por vezes, com a primeira do singular, como será apontado mais adiante. Contudo, vale enfatizar, primeiramente, duas passagens em que se utiliza a primeira pessoa do plural e em que se encontra o ethos dito. O primeiro trecho em que isso ocorre está transcrito a seguir:

Mude a vitórias as Insígnias, desafrontem-se as Cruzes Católicas, triunfem as vossas Chagas nas nossas bandeiras, e conheça humilhada e desenganada a perfídia, que só a Fé Romana, que professamos, é Fé, e só ela a verdadeira e a vossa (VIEIRA, 2000, p.449).

Observando a passagem acima, percebe-se que o enunciador afirma que a “Fé Romana” é a única fé verdadeira. Dessa forma, ele se utiliza da primeira pessoa do plural evidenciada no verbo “professamos” para realizar a afirmativa. Portanto, o ethos dito nessa passagem refere-se a um povo que traz consigo a verdade única, o que implica que todo o resto é falso.

Outro trecho que evidencia o ethos dito é o seguinte: “Mais Santo que nós era Josué, menos apurada tinha a paciência, e contudo em ocasião semelhante não falou (falando convosco) por diferente linguagem” (VIEIRA, 2000, p.451). Nesse caso, percebe-se uma comparação entre “nós” e “Josué”, na qual o ethos dito é o de um povo que também é santo, apesar de não ser tanto quanto o personagem bíblico.

Em relação ao uso da primeira pessoa do singular, percebe-se que há, também, uma recorrência considerável dessa marca estilística. Dessa vez, o enunciador adquire um tom mais individual e promete: “Não hei de pregar hoje ao Povo, não hei de falar com os Homens, mais alto hão de sair as minhas palavras ou as minhas vozes: a vosso peito Divino se há de dirigir todo o Sermão (VIEIRA, 2000, p.446)”.

A mudança de pessoa do plural para o singular sugere uma imagem mais nítida do pregador que, além de fazer parte do povo, fala em favor de todos. Essa alternância traz efeitos fortes para o enunciado, especialmente quando o orador, que deveria pregar ao público, declara que dessa vez ele pregará ao próprio “Deus”. Esse recurso chama a atenção da plateia, uma vez que põe em cena um co-enunciador inesperado que, no caso, seria o deus bíblico. Ainda, o foco na pessoa do singular, nesse momento, prova-se oportuna pelo fato de que a plateia tende a se sentir representada por esse enunciador.

Além disso, o ethos dito também se encontra marcado pela primeira pessoa do singular, como mostrado a seguir: “Parece-vos bem, Senhor, parece-vos bem isto? Que a mim, que sou vosso servo, me oprimais e aflijais; e aos ímpios, aos inimigos vossos os favoreçais e ajudeis?” (VIEIRA, 2000, p.450).

A partir desse trecho, pode-se verificar que o enunciador se auto-intitula “servo do Senhor”. Percebe-se, então, mais um aspecto que contribui para o estereótipo do pregador humilde e portador da verdade.

3.2 Interdiscursividade

De forma geral, a pregação cristã tem como uma de suas características básicas a interdiscursividade com as passagens bíblicas. É comum, também, que haja uma aplicação da história contada ao contexto histórico-social em que o sermão é pregado. No caso da obra em análise, Vieira se utiliza desse aspecto da sermonística de modo a promover uma “confusão” entre a história da bíblia e os acontecimentos da época,

com o intuito de aproximar o ouvinte à sua mensagem, como mostra o exemplo abaixo:

Deus auribus nostris audivimus, Patres nostri annuntiaverunt nobis, opus, quod operatus es in diebus eorum, et in diebus antiquis. Ouvimos (começa o Profeta) a nossos pais, lemos nas nossas histórias, e ainda os mais velhos viram, em parte, com seus olhos, as obras maravilhosas, as proezas, as vitórias, as conquistas, que por meio dos Portugueses obrou em tempos passados vossa Onipotência, Senhor: Manus tua gentes disperdit, et plantasti eos: afflixisti populos, et expulisti eos. (VIEIRA, 2000, p.443-444)

Como se pode observar, Vieira, ao explicar os trechos bíblicos em latim, utiliza a palavra “Portugueses” como referência ao povo da passagem quando, na verdade, sabe-se que o trecho está se referindo aos israelitas. Esse processo de inversão é fundamental para que se construa a imagem de que os portugueses são como os israelitas: eles são o “povo de Deus”.

Outra marca de interdiscursividade com o texto bíblico se apresenta, de forma menos explícita, no seguinte trecho: “[...] mas só vos digo e vos lembro uma coisa: que se me buscardes amanhã, que me não haveis de achar: *Et si mane me quaesieris, non subsistam*” (VIEIRA, 2000, p.452-453). Nessa passagem, Vieira se apropria das palavras do deus bíblico e as reformula, direcionando-as a essa deidade. Dessa maneira, concretiza-se o ethos do servo ousado que, atribulado com as derrotas do seu povo, atreve-se a reivindicar ao seu deus aquilo que havia sido prometido.

Essa ideia torna-se, ainda, mais visível quando Vieira recorre novamente às palavras do deus hebraico e as redireciona: “[...] arrependei-vos, misericordioso Deus, enquanto estamos em tempo [...]” (VIEIRA, 2000, p.458). Nesse gesto de enfrentamento, entende-se que o enunciador está do lado do povo e intercede por ele, consolidando-se, assim, o ethos do enunciador que é porta-voz e também intercessor.

3.3 Metalinguagem

Nota-se, em Vieira, uma característica estilística que diz respeito à explicação dos trechos bíblicos, ou seja, um processo de metalinguagem. Por vezes, o autor respeita a seguinte ordem: primeiramente, faz a citação da passagem bíblica em latim; então, faz uma tradução mais livre do trecho e, por fim, cria uma ponte entre a citação e o contexto de sua época. Abaixo, segue um excerto que exemplifica essa ordem:

Nec enim in gladio suo possederunt terram, et brachium eorum non salvavit eos, sed dextera tua, et brachium tuum, et illuminatio vultus tui; quoniam complacuisti in eis. Porque não foi a força do seu braço, nem a da sua espada a que lhes sujeitou as terras que possuíram, e as gentes e Reis que avassalaram, senão a virtude de vossa destra onipotente, e a luz e o prêmio supremo de vosso beneplácito, com que neles vos agradastes, e deles vos servistes. Até aqui a relação ou memória das felicidades passadas, com que passa o Profeta aos tempos e desgraças presentes. (VIEIRA, 2000, p.444)

A partir desse trecho, observa-se que esse tipo de estratégia visa facilitar o entendimento do público, uma vez que o latim era uma língua de uso restrito para fins eclesiásticos.

Portanto, percebe-se, dessa maneira, o cuidado de Vieira em se fazer entender. Esse aspecto aponta para um ethos mais didático, o que faz sentido se for levada em consideração a atuação do jesuíta como instruidor dos “gentios”, isto é, daquelas pessoas que não professavam a fé católica. Segue, então, uma segunda passagem em que isso ocorre:

Cur Domine irascitur furor tuus contra Populum tuum? E bem, Senhor, por que razão se indigna tanto a vossa ira contra o vosso povo? Por que razão, Moisés? E ainda vós quereis mais justificada razão a Deus? Acaba de vos dizer que está o Povo idolatrando; que está adorando um animal bruto; que está negando a Divindade ao mesmo Deus, e dando-a a uma Estátua muda, que acabaram de fazer suas mãos, e atribuindo-lhe a ela a liberdade e triunfo com que os

livrou do cativeiro do Egito; e sobre tudo isso ainda perguntais a Deus, por que razão se agasta: *Cur irascitur furor tuus?* Sim. (VIEIRA, p.448)

Nesse segundo trecho, percebe-se que a citação é menor e encontra-se diluída no discurso a fim de proporcionar uma reflexão mais esclarecedora para a plateia. Além disso, nota-se que o enunciador repete parte da frase ao final do trecho, o que mostra mais uma vez a sua intenção “educativa” no sermão.

Logo, tem-se a criação do ethos professoral, do homem que didatiza, não só para se fazer entender, mas para que o seu interlocutor se aproprie daquilo que lhe é transmitido.

3.4 Imitação estilística

Analisando o sermão como um todo, percebe-se, ainda, que o enunciado apresenta características que se assemelham as de um salmo bíblico. Uma vez que essa imitação procura se beneficiar do gênero salmo, pode-se, então, concluir que a imitação estilística, nesse caso, se dá por “captação”³.

Nos salmos em que predomina a súplica - como no salmo que é a referência bíblica principal do sermão em estudo-, o enunciador trata de lembrar fatos gloriosos do passado que, por algum motivo, não ocorrem mais. No caso do sermão em destaque, esses fatos são apresentados ainda no começo da pregação:

[...] Ouvimos (começa o Profeta) a nossos pais, lemos nas nossas histórias, e ainda os mais velhos viram, em parte, com seus olhos, as obras maravilhosas, as proezas, as vitórias, as conquistas, que por meio dos Portugueses obrou em tempos passados vossa Onipotência, Senhor: *Manus tua gentes disperdit, et plantasti eos: afflixisti populo,*

³ Segue as definições de imitação por captação e por subversão: “[...] a imitação de um gênero de discurso pode assumir dois valores opostos: a **captação** e a **subversão**. [...] No primeiro caso, quando há “captação”, a imitação incide sobre a estrutura explorada e, no segundo caso, quando há “subversão”, a desqualificação desta estrutura ocorre no próprio movimento de sua imitação.” (MAINGUENEAU, 1997, p.102)

et expulisti eos. Vossa mão foi a que venceu, e sujeitou tantas nações bárbaras, belicosas e indômitas, e as despojou do domínio de suas próprias terras, para nelas os plantar, como plantou com tão bem fundadas raízes; e para nelas os dilatar, como dilatou, e estendeu em todas as partes do mundo, na África, na Ásia, na América (VIEIRA, 2000, p.443-444).

Nesse trecho, Vieira relembra as conquistas portuguesas em termos de apropriação de terras, desde já, justificando o ato na ideia de que foi “Deus” quem os levou à vitória sobre as ditas “nações bárbaras”. Assim, o enunciador apresenta a condição passada para expor a sua situação atual como contraponto:

Porém agora, Senhor, vemos tudo isso tão trocado que já parece que nos deixastes de todo, e nos lançastes de vós, porque já não ides diante das nossas bandeiras, nem capitaneais como dantes os nossos exércitos: *Avertisti nos retrorsum post inimicos nostros, et qui oderunt nos, diripiebant sibi*. Os que tão costumados éramos a vencer e triunfar, não por fracos, mas por castigados, fazeis que voltemos as costas a nossos inimigos (que como são açoite de vossa justiça, justo é que lhes demos as costas), e perdidos os que antigamente foram despojos do nosso valor são agora roubo da sua cobiça. (VIEIRA, 2000, p.444)

Assim como o salmista bíblico, o enunciador do sermão apresenta a situação atual de sua nação de maneira que se pode resgatar o ethos do líder injustiçado e que se sente abandonado por “Deus”. Dessa forma, o enunciador argumenta contra os atos de “Deus”, espelhando-se na atitude do salmista:

Já dizem os Hereges insolentes com os sucessos prósperos, que vós lhe dais ou permitis: já dizem que porque a sua, que eles chamam Religião é a verdadeira, por isso Deus os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos. Assim o dizem, assim o pregam, e ainda mal porque não faltará quem os creia. Pois é possível, Senhor, que hão de ser vossas permissões argumentos contra vossa Fé? É possível, que se hão de ocasionar

nossos castigos blasfêmias contra vosso nome? (VIEIRA, 2000, p.448-449)

Após esse momento de reivindicação nos salmos, tem-se a súplica em si. No caso desse sermão, o pedido não é colocado diretamente no enunciado, mas pode ser resgatado durante todo o discurso: pede-se a “Deus” que este possa ajudar os portugueses a retomarem as terras que eles conquistaram das mãos dos “invasores” holandeses.

Desse modo, o sermão passa a adquirir um tom confessional em que o enunciator, agora, se coloca numa posição inferior a “Deus” e o exalta para que, assim, possa receber o que pede. Segue, então, um trecho da parte final do sermão em que se pode evidenciar esse aspecto:

Em castigar, vencei-nos a nós, que somos criaturas fracas; mas em perdoar, vencei-vos a vós mesmo, que sois todo poderoso e infinito. Só esta vitória é digna de vós, porque só vossa Justiça pode pelear com armas iguais contra vossa Misericórdia; e sendo infinito o vencido, infinita fica a glória do vencedor. Perdoai pois, benigníssimo Senhor, por esta glória vossa [...] (VIEIRA, 2000, p.460).

Como evidenciado no trecho, o ethos do homem santo e humilde que foi injustiçado se fortalece ainda mais, uma vez que ele argumenta contra o seu deus, mas, ao mesmo tempo, reconhece a sua insignificância perante a deidade.

Por fim, pode-se perceber a semelhança que o sermão, visualizado de uma forma, adquire com o salmo bíblico de súplica ao manter tais traços no seu discurso.

4. Considerações finais

Nesse estudo, foi observada a construção de diferentes ethé a partir das quatro recorrências estilísticas analisadas.

Ao pessoalizar a linguagem, percebe-se que é criado o ethos dos portugueses como sendo um povo santo e do pregador como sendo humilde. O pregador ainda se intitula “servo do Senhor” e afirma que os portugueses são portadores da fé verdadeira por meio do ethos dito, estratégia essa que procura dar maior merecimento tanto o pregador quanto o público face àquilo que se pede.

Em relação à interdiscursividade, o ethos dos portugueses como povo de “Deus” é reforçado e cria-se, também, o ethos do enunciador como um servo ousado, que é porta-voz e intercessor do seu povo. Nessa perspectiva, observa-se que o ethos do santo indignado que se preocupa e fala pelo seu povo se assemelha, em alto nível, aos personagens bíblicos, como Moisés, Davi e Jacó, os quais se atrevem a discutir com Deus em prol dos seus. Essa apropriação, inteiramente proposital, tende a aproximar o público do sermão, de modo que ele se sinta devidamente representado.

No que se refere à metalinguagem, percebe-se que a explicação das passagens em latim concede ao enunciador o ethos mostrado do pregador didático, que está atento às limitações de sua plateia e que procura facilitar a compreensão de todos.

Por fim, em relação à imitação estilística, é reforçada a semelhança do ethos do pregador aos heróis bíblicos já mencionados, sendo criado, portanto, o ethos do servo que se sente injustiçado por “Deus”, mas que se mantém humilde, reconhecendo sua insignificância perante a divindade.

Tendo em vista essas formações, percebe-se que os ethé não se contradizem, mas confluem com o propósito de causar empatia no público ouvinte/leitor do sermão. Ainda, nota-se a relevância dos traços estilísticos levantados na pesquisa (uso de primeira pessoa, interdiscursividade com o texto bíblico, estratégia explicativa da passagem bíblica e imitação estilística do salmo bíblico) como facilitadores da adesão do público à mensagem pregada. Isso se deve ao fato de que se joga todo o tempo com a história bíblica e o contexto de enunciação, o que gera o efeito de que o povo português é, também, a nação da qual o livro sagrado trata.

Outro ponto a ser observado é a essência das características atribuídas ao corpo enunciante, que possui dimensão muito mais psíquica do que corpórea. Essa

atribuição promove uma valoração positiva do enunciado, uma vez que o que está em jogo nessa situação comunicativa é o caráter do pregador e do seu povo perante a deidade.

Finalmente, após essas considerações, pode-se afirmar que os *ethé* criados contribuem para a adesão do público ouvinte/leitor ao sermão. Ainda, levando em consideração os contextos sócio-histórico e religioso que permeiam o enunciado, pode-se presumir que a contribuição dos *ethé* para a aceitação do sermão tenha tido força ainda maior para o público daquela época.

Referências

- ALVES, T. *Contexto Histórico do Barroco no Brasil*. Disponível em: <<http://barroco113.blogspot.com.br/2012/11/contexto-historico-do-barroco-no-brasil.html>>. Acesso em: 13 nov. 2014.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- GONÇALVES, A. P. Persuadir em Nome de Deus: a sermonística de Antônio Vieira. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 12., 2008. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009. p.68-79.
- MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3ª ed. Campinas: Pontes, 1997.
- _____. *Cenas da enunciação*. Org. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- _____. *Análise de Textos de Comunicação*. Trad. Maria Cecília Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6ª ed. São Paulo, Cortez, 2013.
- VAINFAS, R. *Antônio Vieira: Jesuíta do rei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- VIEIRA, A. Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as de Holanda. In: _____. *Sermões*. São Paulo: Hedra, 2000. v.1, p. 443-462.
- PÉCORA, A.. Sermões: o modelo sacramental. In: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. São Paulo: Hedra, 2000. v.1, p. 11-25.